

11421

educareducere

Ano XIII - Número Especial 2007 - ISSN nº 0873-0504

Motricidade Infantil



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação



Que professor em motricidade infantil?

João Manuel Petrica *

RESUMO

O ensino da Educação Física ao nível do ensino pré-escolar, mais conhecido por educação de infância, e ao nível do 1º ciclo do ensino Básico, também apelidado por muitos de ensino primário, em Portugal, é da responsabilidade dos professores que têm a seu cargo a educação multidisciplinar das crianças.

Entendemos facilmente a dificuldade por que passa um professor único para a docência de todas as áreas disciplinares da sua responsabilidade, mesmo que, para tal, tenha recebido alguma formação. E, por isso, começam a emergir as

diferenças que opõem aqueles que se têm dedicado à coadjuvação, ao apoio, à formação, aos que têm responsabilidade no assunto, ou aos que simplesmente querem participar na discussão dessa matéria.

Na comunicação faz-se uma análise da situação, a identificação das necessidades efectivas para poder responder com eficácia às necessidades de uma educação que contemple os aspectos essenciais de um crescimento motor adequado e apresentam-se algumas soluções alternativas.

1. Análise da situação

Actualmente, quem tem a responsabilidade de conduzir a educação físico-motora das nossas crianças nas escolas públicas portuguesas são os professores de 1º ciclo do Ensino Básico ou os educadores de infância, conforme o caso, que são formados, também ao nível do ensino Superior Público, nas Escolas Superiores de Educação dos Institutos Superiores Politécnicos.

Salvo muito poucas excepções, do currículo dos cursos consta uma disciplina de Edu-

* Departamento de Educação Física e Artística - Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico de Castelo Branco / Investigador do LIBEC - Universidade do Minho

Que professor em motricidade infantil?

cação Física, ou de Educação Físico-Motora, com uma duração semestral ou anual, complementada em alguns casos com uma disciplina semestral de metodologia ou de didáctica da actividade física aplicada aos mais novos, num máximo de 100h para a primeira e de 50h para a segunda.

Alguns professores, com alguma boa vontade (teremos que reconhecê-lo), até porque, apesar de não se sentirem suficientemente preparados para ensinar as actividades físicas, reconhecem que estas desempenham um papel crucial no desenvolvimento das crianças que terão que educar, e, de uma forma muito pouco consistente, porque a sua formação também não dá para mais, lá vão fazendo o que podem para cumprir o melhor possível a sua missão.

Outros, infelizmente uma minoria, procuram formação adicional ao nível das actividades físicas, frequentando acções de formação contínua, inscrevendo-se em cursos de pós-graduação ou de complemento de formação, procurando a formação que não tiveram, para que melhor possam desempenhar a sua função.

Mas, na maior parte dos casos, esses professores não têm grande apetência, não se sentem muito vocacionados ou não se sentem suficientemente preparados para conduzir um processo de ensino desse tipo, e essa vertente fundamental da educação das crianças é relegada para um segundo plano, para um plano marginal, ou até simplesmente não existe.

Nalguns casos, muito raros, algumas Câmaras Municipais resolveram colocar professores de Educação Física a cuidar da educação físico-motora das crianças das escolas do 1º ciclo à sua responsabilidade.

Em muitas das instituições de ensino privado, a educação motora das crianças é efectuada por professores de Educação Física especialmente contratados para o efeito, a expensas incluídas na mensalidade ou a cargo de uma prestação suplementar a pagar pelos encarregados de educação.

Em qualquer dos casos trata-se de um modelo de professor único coadjuvado por professor da especialidade que, muitas vezes, também não foi preparado para trabalhar com essas idades, não sendo feita a devida ligação educador e especialista, constituindo os tempos de aula, uma espécie de pausa para os responsáveis institucionais pela educação das crianças.

2. Alguns Estudos de caso

Recentemente num seminário que tive ocasião de orientar acerca das representações sobre as actividades físicas na primeira infância (Petrica, Caetano e Carronda, 2005), em que se pretendia saber como variam as opiniões dos pais em função do género, idade ou historial da prática face aos objectivos, recursos e formas/conteúdos de práticas das actividades físicas no jardim infantil, pudemos constatar que estes reconhecem a importância das actividades físico-motoras na educação dos seus filhos e preferem que as actividades sejam conduzidas por especialistas de motricidade infantil do que pelo educador, mas, em que o professor responsável pela classe esteja presente e colabore na organização e orientação da actividade.

Num outro estudo desenvolvido ainda este ano sobre os comportamentos dos alunos da escola primária em aulas de Educação Física ministradas pelos professores do Primeiro Ciclo do Ensino Básico e por professores especialistas em Educação Física (Petrica et al., 2005), verificámos que os primeiros não se sentem muito vocacionados para conduzir a leccionação, o que se traduziu numa grande dificuldade em completar a nossa amostra, mas os resultados dão indicações no sentido da existência de diferenças significativas nos comportamentos ligados ao empenhamento, seja no empenhamento motor, seja no empenhamento cognitivo.

Como se pode ver pela figura 1 dos resultados obtidos, os professores do 1º ciclo do ensino básico conseguiram que os alunos estivessem muito mais tempo com atenção à informação (A.I.) que os professores de Educação Física e estes, por sua vez, conseguiram um muito maior empenhamento motor (A.M.) dos seus alunos.

Como sabemos bem da importância do empenhamento motor (A.M.) para a aprendizagem e desenvolvimento da motricidade (Pieron, 1996; Siedentop, 1983), os indicadores ao nível do

Que professor em motricidade infantil?

ensino das actividades físicas pendente claramente para o lado do professor especialista em Educação Física para promover o desenvolvimento motor das crianças.

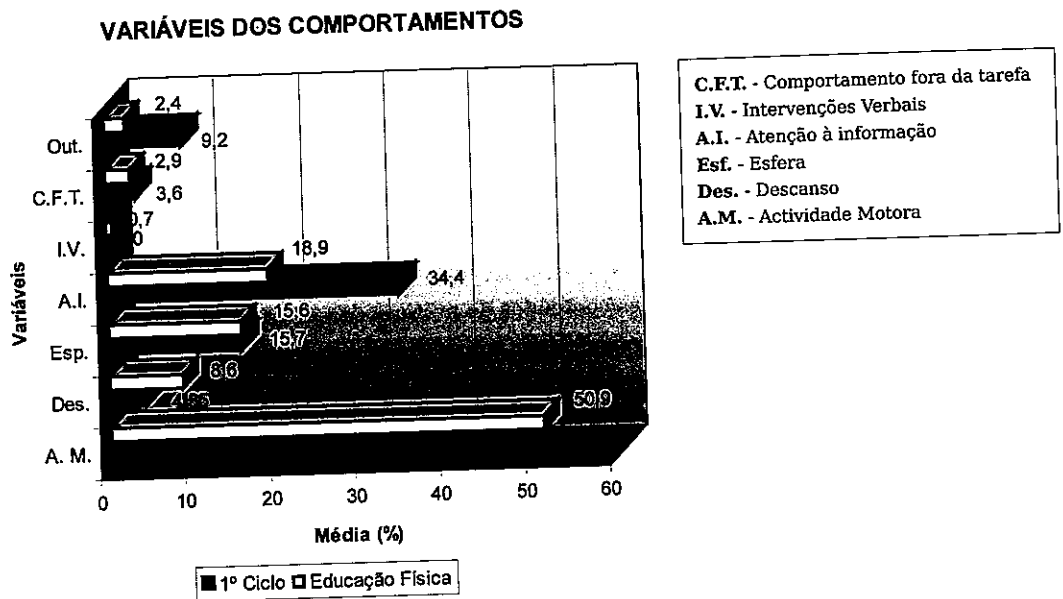


Figura 1 - Os comportamentos de alunos em aulas de Educação Física, dadas por professores do 1º Ciclo e por professores de Educação Física que se deslocam à Escola do 1º Ciclo.

3. As necessidades

É preciso ter em atenção que, para se poder processar convenientemente o desenvolvimento motor infantil que, para autores por demais conhecidos como Piaget, Wallon, Bruner, Gesel ou Victor da Fonseca e Carlos Neto, o desenvolvimento adequado das condutas motoras constitui o fulcro do desenvolvimento cognitivo, do desenvolvimento psicológico, do desenvolvimento psi-

comotor e do desenvolvimento socioafectivo, torna-se necessário formar profissionais que estejam sensibilizados para o assunto, o que me parece já acontece, que sejam conhecedores do assunto, o que tenho certas dúvidas se acontece, que sejam capazes de intervir, o que não tenho dúvida que não acontece, e que estejam motivados para intervir, o que, com muita boa vontade, por vezes, até acontece.

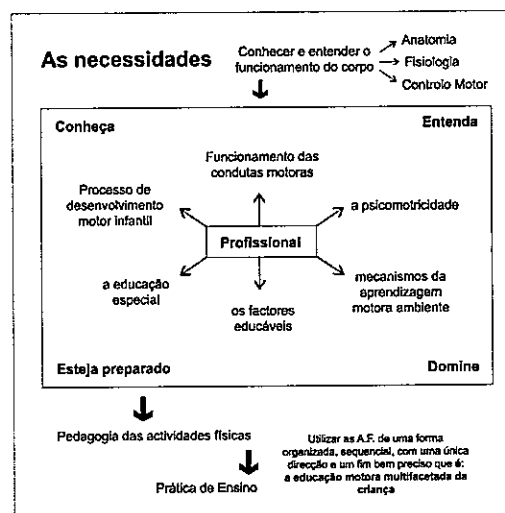


Figura 2 - Pressupostos para o ensino de Educação Física.

Como se pode ver na figura 2 em cima, em termos de formação é fundamental que o profissional conheça o processo de desenvolvimento motor infantil, que entenda o funcionamento das condutas motoras, que domine a psicomotricidade, que perceba os mecanismos da aprendizagem motora inteligente, que co-nheça os factores educáveis e saiba como os e-ducar, e que esteja preparado para a educação especial.

Como para poder entender bem estas matérias se torna necessário o pré-requisito de conhecer e entender o funcionamento do corpo humano, não é de todo dispensável na sua formação a inclusão do estudo da anatomia, fisiologia e da forma como o cérebro controla o corpo humano

e, por isso, é importante que o educador tenha demonstrado o conhecimento destas matérias antes de passar a estudar aquelas.

Depois importa aprender a utilizar as actividades físicas, de uma forma organizada, sequencial, com uma única direcção, uma estratégia bem clara para um fim bem preciso que é a educação motora multifacetada da criança, o que implica conhecer e dominar os conceitos actuais, teóricos e práticos da pedagogia das actividades físicas.

E este conhecimento não dispensa a experiência prática de ensino, devidamente orientada e supervisionada de forma a poder aplicar o que aprenderam, experimentar procedimentos, modificar esquemas de acção aprendidos e conceber novas condutas de intervenção.

Por tudo isto, desde há muito que defendemos que quem deve ter a responsabilidade de educar as condutas motoras dos mais novos terá que ser o que mais conhece e o mais habilitado, e não o contrário, como recomenda o Ministério da Educação que, em nosso entender, o faz bem para a maioria das disciplinas componentes do percurso académico de um jovem (compreendemos bem que o professor de matemática para o 12º ano seja o mais habilitado), mas se esquece que não se passa o mesmo com todas as áreas de ensino e, nomeadamente nesta, o preceito deverá ser invertido.

O que quer dizer que somos adeptos incondicionais de que quem deverá ter a responsabilidade de promover a educação das condutas motoras terá que ser um profissional que domine muito bem os aspectos enunciados, independente do curso que tiver tirado.

4. As soluções

Perante tal panorama, três soluções poderão concorrer para a resolução de um problema que se agudiza à medida que a educação das crianças deixa de ter o complemento da brincadeira de rua, de bairro ou de parque infantil, por manifesta e cada vez maior indisponibilidade, quer dos pais, quer do número e condições dos locais para o desenvolvimento de tais actividades, agravadas, muitas vezes, pelo pouco convidativo e, por vezes, perigoso percurso até lá chegar.

Ou os educadores de infância e os professores do 1º Ciclo do Ensino Básico passam a ter uma formação que possa dar a resposta adequada aos aspectos referidos e, por isso, possam

passar a possuir as competências decorrentes de um ensino que dedique grande profundidade àquelas temáticas e, assim, estarão em condições de realizar, eles próprios, o trabalho que lhes é inerente por força dos actuais diplomas regulamentadores do exercício das suas funções.

Ou os educadores de infância, os professores do 1º ciclo do Ensino Básico e os professores de Educação Física em geral têm possibilidade de aprofundar conhecimentos através de uma especialização que os prepare para desempenhar aquelas funções de uma forma específica e adequada à missão que terão que desempenhar.

Ou então torna-se necessário apostar numa formação de raiz que possa dar resposta a este problema sem ter que recorrer a adaptações, reconversões e qualquer outro tipo de reorientações, dotando o País de verdadeiros especialistas na matéria, que depois possam, também eles, aprofundar o estudo de cada uma das matérias inerentes à sua função e produzir o conhecimento indispensável à evolução deste campo de intervenção que emerge das necessidades de proporcionar aos mais jovens modernas e adequadas formas de responder às necessidades inerentes ao seu processo de crescimento.

Já ficaríamos satisfeitos se a resposta fosse qualquer uma destas soluções mas, é obvio que a nossa preferência cresce à medida que nos vamos afastando da primeira opção, até porque importa formar alguém que, para além da competência para participar activa e adequadamente no processo de educação das nossas crianças, esteja em condições de participar na discussão e reivindicação dos procedimentos mais avançados, contribuir para a investigação no domínio deste campo, ou simplesmente ajudar aqueles que acabam por ter que intervir nos seus domínios, por força das suas especialidades (médicos, arquitectos, engenheiros, etc.), a fazerem-no da forma mais moderna e adequada.

Para terminar deixo aqui um exemplo: não tenho dúvida de que um arquitecto, ao elaborar um projecto de um parque infantil, deveria ser obrigado a apresentar o parecer de adequação do espaço à função para que foi concebido por parte de um especialista em motricidade infantil, e isso só é possível se os começarmos a formar.

Referências Bibliográficas

- PETRICA, J., CAETANO, T. e CARRONDA, T. (2005). Representação sobre as actividades físicas na primeira infância. *Revista do Departamento de Educação Física e Artística, ESE, IPCB*, 6, 17-27.
- PETRICA, J. E al. (2005). *O ensino da Educação Física no 1º ciclo do ensino Básico*. Seminário, ESE, IPCB.
- PIERON, M. (1996). *Analyser l'enseignement pour mieux enseigner" , Formation initiale - formation continue* Paris: Dossiers EPS, Editions EPS.
- SIEDENTOP, D. (1983); *Developing Teaching Skills in Physical Education*. (2ª Ed.) Palo Alto: California. Mayfield Publishing Company.